

A IDEOLOGIA

Louis Althusser¹

Apresentação

Aqui apresentamos a tradução sobre *A ideologia*, parte essencial de um trabalho pouco conhecido de Louis Althusser; texto raramente citado [redigido em 1965] (*Teoria, prática teórica e formação teórica. Ideologia e luta ideológica*).

Optou-se por traduzir apenas a seção sobre *a ideologia* uma vez que esta parte do texto é, por assim dizer, muito abundante no que concerne ao desenvolvimento da discussão althusseriana sobre o significado e o conceito de *Ideologia* e suas características. Algo iniciado ou apresentado, porém não desenvolvido, no artigo *Marxismo e Humanismo*, inserido no livro *Pour Marx* (1965)² e depois retomado com muitos detalhes em *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado* (1970)³.

O texto aqui traduzido é, podemos assim considerar, o mais profundo (e muito bem instruído), bem como bastante amplo e o mais prolixo debate de Althusser no que concerne à *Ideologia*; isto, antes do seu influente e mais conhecido escrito sobre ideologia (referido anteriormente [1970]). Portanto, o presente documento é uma

¹ ALTHUSSER, Louis. *A ideología*. In: *Teoria, práctica teórica y formación teórica. Ideología y lucha ideológica*. Traducción de Enrique Román. In: **Casa de las Américas**, ano VI, n. 34, p. 05-31, enero-febrero, La Habana, Cuba, 1966. (Hechos/Ideas). Tradução de Marquessuel Dantas de Souza.

Conforme o IMEC [(Institut Mémoires de l'Édition Contemporaine) – Inventaire des archives de Louis Althusser (Fonds Althusser)], esse ensaio originalmente de 1965 (*Teoria, práctica teórica y formación teórica. Ideología y lucha ideológica*) fora recusado pelo periódico *Les cahiers du communisme* (publicação do Comitê Central do PCF) e nunca foi publicado em francês. Além da primeira publicação realizada pela revista *Casa de las Américas* em 1966, ainda na década de 1960 houve duas outras publicações em línguas latinas: uma tradução brasileira com o título “*Marxismo, ciência e ideologia*”, no livro *Marxismo segundo Althusser*. São Paulo: Sinal Editora e Distribuidora, 1967 (edição rara e fora de catálogo há muito tempo); e “*Práctica teórica y lucha ideológica*”, no livro *La filosofía como arma de la revolución*. Ediciones Pasado y Presente: Córdoba (Argentina), 1968. Eis uma nova tradução da publicação de 1966. Acréscimo do tradutor.

² ALTHUSSER, Louis. *Pour Marx*. Paris: François Maspero, 1965. 261p. (Collection Théorie; 1).

³ ALTHUSSER, Louis. *Idéologie et Appareils Idéologiques d'État (notes pour une recherche)*. In: **La Pensée**, Revue du rationalisme moderne - arts - sciences - philosophie. Nouvelle série. Paris: Éditions Sociales, n° 151, pp. 03-38, juin. 1970.

importante referência em "complementação" às teses defendidas pelo autor sobre a ideologia em 1970.

Ambos os textos são singulares (1965/70). Quer dizer, um apresenta elementos que o outro não possui (argumentos únicos e originais); cada qual ilustra a idéia de ideologia de forma particular, entretanto, se complementando. Um é parte do outro. Deste modo, ambos se complementam. Assim, o manifesto aqui traduzido, juntamente com a elaboração intitulada "*acerca da ideologia*" (uma das partes que compõe o ensaio *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*), formam o todo do pensamento althusseriano em relação à Ideologia. Certamente um estudo distinto. Com efeito, considerando um texto sem considerar o outro, a teoria de Althusser sobre a ideologia nos parece incompleta. Assim, eis a razão para termos traduzido esse texto quase desconhecido de Althusser.

Plano geral do ensaio (aqui traduzimos tão somente a seção V - A ideologia):

I

O marxismo é uma teoria científica

II

A dupla teoria científica de Marx

III

Problemas colocadas pela existência dessas duas doutrinas

IV

Natureza de uma ciência, constituição de uma ciência, desenvolvimento de uma ciência, investigação científica

V

A ideologia

VI

A união da teoria científica de Marx com o movimento operário

VII

Formação teórica e luta ideológica

Conclusão

As reflexões que se seguem tem por objeto apresentar, sob a forma mais clara e sistemática possível, os princípios teóricos que fundamentam e guiam a prática dos comunistas no terreno da teoria e da ideologia⁴.

A IDEOLOGIA

Para poder extrair da maneira mais rigorosa possível as conseqüências *práticas* do que acaba de ser dito sobre a teoria científica marxista, é necessário agora situar e definir um novo e importante termo: *ideologia*⁵.

Já vimos que o que distinguia as organizações *marxistas* da classe operária residia em que estas fundavam seus objetivos socialistas, seus meios de ação e suas formas de organização, sua estratégia e suas táticas revolucionárias sobre os princípios de uma teoria *científica*, a de Marx, e não sobre tal ou qual teoria *ideológica* – anarquista, utópica, reformista ou outra [qualquer]. Com isso, colocamos em evidência *uma oposição e uma distinção cruciais entre a ciência de uma parte e a ideologia de outra*.

Mas com isso colocamos também em evidência uma realidade de fato, tanto a propósito da ruptura que Marx teve de efetuar com as teorias ideológicas da história para fundar suas descobertas científicas, como a propósito da luta travada contra a ideologia que ameaça toda ciência: trata-se de que não somente a ideologia precede toda ciência, mas de que se perpetua depois da constituição da ciência e apesar de sua existência.

Ainda mais, constatamos que a ideologia manifestava sua existência e seus efeitos não apenas no terreno de suas relações com a ciência, mas também num domínio infinitamente mais vasto: o da sociedade inteira. Quando falamos em "ideologia da classe operária", para dizer que a *ideologia* da classe operária, era "espontaneamente" anarquista ou utópica em seus inícios antes de se converter geralmente em seguida em reformista, e foi pouco a pouco transformada pela influência e pela ação da teoria marxista em uma *nova* ideologia; quando dizemos que hoje a ideologia de amplas camadas da classe operária se converteu em uma ideologia de caráter marxista-leninista;

⁴ Este parágrafo antecede todo o ensaio. Portanto, é uma curta introdução apresentando-o. (N. T.).

⁵ Doravante, todos os grifos no corpo do texto são conforme o original. Com exceção àqueles identificados e assinalados especificamente pelo tradutor. Os colchetes são acréscimos do tradutor para melhor situar o leitor. (N. T.).

quando dizemos que devemos considerá-las nas grandes massas não somente a luta econômica (por meio dos sindicatos) e a luta política (por meio do partido), mas também a *luta ideológica*, é claro que propomos, sob o termo de *ideologia*, uma noção que questiona as *realidades sociais* que, embora tendo a ver com uma certa representação (com um certo "conhecimento", por conseguinte) do real, transborda muito amplamente, porém, a simples questão do conhecimento para pôr em jogo uma realidade e uma função propriamente *sociais*.

Temos, portanto, consciência, na utilização prática que fazemos desta noção, de que a *ideologia* implica uma dupla relação: com o conhecimento de um lado, com a sociedade de outro. A natureza desta dupla relação não é simples e requer um esforço de definição. Este esforço é indispensável se é verdade, por uma lado, como vimos, e que interessa em primeiro lugar o marxismo definir-se sem equívoco como uma *ciência*, isto é, como uma realidade absolutamente distinta da *ideologia* – e se é verdade, por outro lado, que a ação das organizações revolucionárias fundadas sobre a teoria científica do marxismo deve desenvolver-se na sociedade onde a cada passo e a cada instante de sua luta, e mesmo na consciência da classe operária, elas se chocam com a existência social da ideologia.

Para vermos claramente esta questão capital, mas difícil, é indispensável retrocedermos a algo e remontarmos aos princípios da teoria marxista da *ideologia*, que forma [constitui] parte da teoria marxista da sociedade.

Marx mostrou que toda formação social constitui uma "totalidade orgânica" que compreende três "níveis" essenciais: a economia, a política e a *ideologia ou forma de consciência social*. O "nível" ideológico representa, pois, uma realidade objetiva, indispensável à existência de uma formação social; realidade objetiva, isto é, independente da subjetividade dos indivíduos que estão a ela submetidos – sempre no que se refere aos indivíduos em si – embora se refira a estes indivíduos – é por isso que Marx emprega a expressão "formas de consciência social". Como representar a realidade objetiva e a função social da *ideologia*?

Em uma dada sociedade, os homens participam na produção *econômica*, cujos mecanismos e efeitos são determinados pela *estrutura das relações de produção*; os homens participam na atividade *política*, cujos mecanismos e efeitos são regulados pela

estrutura das relações de classe (a luta de classe, o direito e o Estado). Os mesmos homens participam de outras atividades, [tais como] atividades religiosas, moral, filosófica etc., seja de uma maneira ativa, por meio de práticas conscientes, seja de uma maneira passiva e mecânica, por reflexos, juízos, atitudes etc. Essas últimas atividades constituem a *atividade ideológica* e são sustentadas por uma adesão voluntária ou involuntária, consciente ou inconsciente a um conjunto de representações e crenças religiosas, morais, jurídicas, políticas, estéticas, filosóficas etc., que formam o que se chama o "nível" da *ideologia*.

As representações da ideologia se referem ao mundo no qual os homens vivem, à natureza e à sociedade, e à vida dos homens, às suas relações com a natureza, com a sociedade, com a ordem social, com os outros homens e com suas próprias atividades, inclusive à sua prática econômica e à sua prática política. Contudo, estas representações não são *conhecimentos verdadeiros* que representam o mundo. Podem conter *elementos* de conhecimento, mas sempre integrados e submetidos ao *sistema* de conjunto destas representações, que é, em princípio, um sistema orientado e falseado, um sistema regido por uma *falsa concepção* do mundo ou do domínio dos objetos considerados. Em sua prática real, seja a prática econômica ou a prática política, os homens são efetivamente determinados por *estruturas objetivas* (relações de produção, relações políticas de classe): sua prática os convence da *existência* da realidade, os faz perceber *certos efeitos objetivos* da ação dessas estruturas, mas os dissimula a essência destas: não podem chegar, por sua simples prática, ao *conhecimento verdadeiro* dessas estruturas, nem, por conseguinte, da realidade objetiva nem da realidade política no mecanismo das quais desempenham, porém, um papel definido. Este conhecimento do *mecanismo das estruturas* econômica e política não pode ser senão o resultado de outra prática distinta da prática econômica ou política imediatas: a *prática científica* – da mesma maneira que o conhecimento das leis da natureza não pode ser o produto da simples prática técnica e da percepção, que não proporcionam mais do que observações empíricas e receitas técnicas, mas é, ao contrário, o produto de práticas específicas distintas destas práticas imediatas: as *práticas científicas*.

No entanto, os homens que não tem o conhecimento das realidades políticas, econômicas e sociais nas quais devem viver e atuar, das quais devem cumprir as tarefas atribuídas pela divisão do trabalho, não podem viver sem se guiarem por uma certa

representação de seu mundo e de suas relações com ele. Esta representação, eles a encontram primeiro ao nascer, existindo na sociedade, da mesma maneira que encontram existindo antes deles aquelas relações de produção e as relações políticas em que deverão viver. Assim como os homens nascem "animais econômicos" e "animais políticos", pode-se dizer que eles nascem também "animais ideológicos". Tudo se sucede como se para existirem como seres conscientes e ativos na sociedade que condiciona toda sua existência, [tivessem necessidade de] dispor de certa *representação* de seu mundo, a qual pode permanecer em grande parte inconsciente e mecânica, ou ao contrário ser mais ou menos amplamente consciente e reflexiva [refletida]. A ideologia aparece assim como certa *representação do mundo*, que liga os homens às suas condições de existência e os homens entre si na divisão de suas tarefas e na igualdade ou desigualdade de sua sorte [espécie]. Desde as sociedades primitivas, onde as classes não existiam, constata-se já a existência deste *laço*, e não é por a caso que podemos ver na primeira forma geral da ideologia, a *religião*, a realidade deste laço (esta é uma das etimologias possíveis da palavra *religião*). Em uma sociedade de classe, a ideologia serve aos homens não só para que eles vivam suas próprias condições de existência, para executarem as tarefas que lhes são designadas, mas também para "suportarem" seu estado, isto consiste na miséria da exploração de que são vítimas, ou o prestígio exorbitante do poder e da riqueza de que são os beneficiários.

As representações da ideologia acompanham, pois, consciente ou inconsciente, como tantos sinais e vetores carregados de proibições, de permissões, de obrigações, de restrições e de esperanças, todos os atos dos indivíduos, toda a sua atividade, todas as suas relações. Se representarmos a sociedade segundo a metáfora clássica de Marx, como um edifício, uma construção onde uma *superestrutura* jurídico-política, elevada sobre a infraestrutura da base, sobre os fundamentos econômicos, devemos dar à ideologia um lugar muito particular: para compreender sua eficácia, é necessário situá-la na *superestrutura* e dar-lhe uma relativa autonomia em relação ao direito e ao Estado – mas ao mesmo tempo para compreender sua forma de presença mais geral, há de considerar que a ideologia se introduz em todas as partes do edifício e constitui esse *cimento* de natureza particular que assegura o ajuste e a coesão dos homens em seus papéis, suas funções e suas relações sociais.

De fato, a ideologia impregna todas as atividades do homem, inclusive sua prática econômica e sua prática política; está presente nas atitudes [em relação] ao trabalho, aos agentes da produção, às restrições da produção, na idéia que o trabalhador faz do mecanismo da produção; está presente nas atitudes e nos julgamentos políticos, no cinismo, na boa consciência, na resignação ou na revolta etc., governa as condutas familiares dos indivíduos e seus comportamentos para com os outros homens, sua atitude [em relação] à natureza, seu julgamento sobre o "sentido da vida" em geral, seus diferentes cultos (Deus, o príncipe, o Estado etc...). A ideologia está presente em todos os atos e gestos dos indivíduos a tal ponto que *é indiscernível a partir de sua "experiência vivida"*, e que todas as análises imediatas do "vivido" estão profundamente marcadas pelos temas da evidência ideológica. Quando [o homem indivíduo] acredita ver com a percepção pura e desnuda da própria realidade ou com uma prática pura, o indivíduo (e o filósofo empirista) está, na realidade, vendo [a realidade] com uma percepção e uma prática impuras, marcadas por invisíveis estruturas da ideologia; como não *percebe* a ideologia, toma sua percepção das coisas e do mundo pela percepção das "coisas mesmas", sem notar que esta percepção não lhe é dada senão sob o véu das formas insuspeitadas da ideologia, sem notar que está de fato recoberto pela invisível percepção das formas da ideologia.

É aqui, com efeito, onde reside o primeiro caráter essencial da ideologia: como todas as realidades sociais, ela só é inteligível por sua *estrutura*. A ideologia comporta representações, imagens, sinais etc., mas esses elementos considerados cada um isoladamente, não fazem [constitui] a ideologia: é seu *sistema*, seu *modo* de se dispor e de se combinar que lhes dá seu sentido; é sua *estrutura* que a determina em seu sentido e sua função. Na medida em que a *estrutura* das relações de produção e os mecanismos da vida econômica produzidos por ela não são imediatamente visíveis para os agentes da produção, da mesma forma a estrutura e os mecanismos da ideologia não são imediatamente visíveis para os homens que lhe estão submetidos; não percebem a ideologia de sua representação do mundo como *ideologia*, não *conhecem* nem sua estrutura nem seus mecanismos; *praticam* sua ideologia (como se diz de um crente que pratica sua religião), não a *conhecem*. Em razão de estar determinada por sua *estrutura*, a ideologia excede [supera (e transcende)] como realidade todas as formas nas quais é vivida subjetivamente por tal ou qual indivíduo; é por esta razão que ela não se reduz às

formas individuais nas quais é vivida; é por isso que [ela] pode ser objeto de uma estudo objetivo. É por esta razão de princípio que podemos falar da natureza e da função da ideologia e estudá-la.

Pois bem, seu estudo nos revela caracteres notáveis:

1 . Constatamos primeiro, que o termo *ideologia* abrange uma realidade que, mesmo sendo difundida por todo o corpo social, é divisível, não obstante, em domínios distintos, em regiões particulares, centradas sobre vários termos diferentes. É assim que o domínio da ideologia em geral pode ser, em nossas sociedades, dividido em regiões relativamente autônomas, no próprio seio da ideologia: a ideologia religiosa, a ideologia moral, a ideologia jurídica, a ideologia política, a ideologia estética, a ideologia filosófica. Estas regiões não existiram sempre na história sob estas formas distintas, que aparecem pouco a pouco. Deve-se prever [advertir] que certas regiões desapareceram, ou se confundiram com outras, no curso da história do socialismo e do comunismo, e que modificações intervieram nas divisões [repartições] interiores que tiveram lugar no domínio geral da ideologia. Há de assinalar igualmente que segundo os períodos da história (isto é, segundo os modos de produção) e no interior dos mesmos modos de produção, conforme as diversas formações sociais existentes e da mesma maneira, como veremos, segundo as diferentes classes sociais, esta é outra região da ideologia a que domina as outras no domínio geral da ideologia. Assim se explicam, por exemplo, as observações de Marx e Engels sobre a influência dominante da ideologia religiosa em todos os movimentos de revolta camponesa do século XIV ao século XVIII e mesmo em certas formas primitivas do movimento operário – ou inclusive [ainda] a observação feita por Marx, que certamente não é humorística, ao afirmar que "os franceses tem a cabeça política, os ingleses [a cabeça] econômica, os alemães [a cabeça] filosófica"⁶; observação de grande importância para compreendermos, por exemplo, certos problemas próprios das tradições operárias nesses países. Pode-se fazer observações da mesma ordem sobre a importância da religião em alguns movimentos de libertação dos antigos países coloniais ou na resistência dos negros ao racismo branco nos Estados Unidos. O conhecimento das diferentes regiões existentes na ideologia e o conhecimento da *região ideológica dominante* (seja religiosa, política, jurídica ou moral, etc.) é de suma importância política para a estratégia e a tática da luta ideológica.

⁶ Aspas acrescentadas pelo tradutor como o intuito de destacar a referida passagem. (N. T.).

2 . Podemos constatar igualmente uma outra característica essencial da ideologia. Em cada uma dessas regiões, a ideologia, que possui sempre uma estrutura determinada, pode existir sob *formas mais ou menos difusas, mais ou menos irreflexivas [irrefletidas] ou, ao contrário, sob formas mais ou menos conscientes, reflexivas [refletidas] e explicitamente sistematizadas das formas teóricas.*

Sabe-se que pode existir uma ideologia religiosa que possua suas regras, seus ritos, etc. mesmo que sem uma teologia sistemática: o advento de uma teologia representa um grau de sistematização teórica da ideologia religiosa. Acontece o mesmo com a ideologia moral, política, estética, etc.: podem existir sob uma forma não teorizada, não sistematizada, sob a forma de costumes, de tendências, de gostos etc... ou, ao contrário, sob uma forma sistematizada e reflexiva [refletida]: teoria ideológica moral, teoria ideológica política etc. A forma superior da teorização da ideologia é a *filosofia*, cuja grande importância constitui o laboratório da *abstração teórica* proveniente da ideologia, mas tratada por ela mesma como teoria. É como laboratório da teoria que a ideologia filosófica desempenhou e desempenha ainda um papel de grande importância no nascimento das ciências e em seu desenvolvimento. Vimos que Marx não suprimiu a filosofia: por meio de uma revolução transformou a natureza desta ciência, desembaraçou-a da herança ideológica que a entravava e fez da filosofia uma disciplina científica; assim lhe proporcionou meios incomparáveis para desempenhar seu papel de teoria da prática científica real. De todo modo, devemos saber que, à exceção da filosofia em *sentido restrito*, em cada um de seus diferentes domínios a ideologia não se reduz à sua expressão *teórica*, a qual não é geralmente acessível a um pequeno número de homens, mas existe nas grandes massas sob uma forma não-refletida teoricamente, que a estende muito além de sua forma teorizada.

3. Uma vez situada a ideologia em seu conjunto, uma vez assinaladas suas diferentes regiões e identificada a que domina as outras e conhecidas as diferentes formas (não teorizadas, teorizadas) sob as quais elas existem, resta um passo decisivo a dar para compreendermos o sentido último da ideologia: *o sentido de sua função social*. Este [sentido] não pode ser posto em evidência senão concebendo a ideologia, com Marx, como um elemento da *superestrutura* da sociedade e concebendo a essência deste elemento da superestrutura em sua relação com a *estrutura de conjunto* da sociedade. Deste modo, nos damos conta de que a função da ideologia não é inteligível, nas

sociedades de classes, mas sobre a base da existência das classes sociais. Numa sociedade sem classes quanto numa sociedade de classes, a ideologia tem por função assegurar a *união* dos homens entre si no conjunto das formas de sua existência, à *relação* dos indivíduos com as tarefas que a estrutura social lhes fixa. Numa sociedade de classes, porém, esta função é *dominada* pela forma que assume a divisão do trabalho na diferenciação dos homens em *classes antagônicas*. Nos damos conta, então, de que a ideologia está destinada a assegurar a coesão das relações dos homens entre si e dos homens com suas tarefas na estrutura geral de exploração de classe, que predomina sobre todas as outras relações.

A ideologia está então destinada, *acima de tudo*, a garantir dominação de uma classe sobre as outras e a exploração econômica que lhe assegura sua preeminência, fazendo os explorados a aceitarem [sua condição de explorados] como baseada na vontade de Deus, na "natureza" ou no "dever" moral etc., sua própria condição de explorados. Mas a ideologia não é apenas uma "bela mentira" inventada pelos exploradores para manter [em seus limites] os explorados e enganá-los [iludi-los]: é útil *aos indivíduos da classe dominante* para se reconhecerem como sujeitos da classe dominante, para aceitarem como "desejada por Deus", como fixada pela "natureza", ou inclusive como assinalada por um "dever" moral à dominação que eles exercem sobre os explorados; lhes é útil, pois, ao mesmo tempo serve também para eles como laço de coesão social, *para se comportarem como membros de uma mesma classe*, a classe dos exploradores. A "bela mentira" da ideologia tem, portanto, um duplo uso: exercer sobre a consciência dos explorados para fazer-lhes aceitar como "natural" sua condição de tais; atua também sobre a consciência dos membros da classe dominante para lhes permitir exercer como "natural" sua exploração e dominação.

4. Chegamos aqui ao ponto decisivo, o qual está, nas sociedades de classes, na origem da *falsidade* da *representação* ideológica. A ideologia é, nas sociedades de classes, uma representação do real, mas *necessariamente falseada*, dado que é necessariamente orientada e tendenciosa; e é tendenciosa porque seu fim não é oferecer aos homens o *conhecimento objetivo* do sistema social em que vivem, mas ao contrário, oferecer-lhes uma representação mistificada deste sistema social para mantê-los em seu lugar no sistema de exploração de classe. Naturalmente, seria necessário examinar também o problema da função da ideologia numa sociedade sem classes, e deveríamos

resolvê-los, então, mostrando que a deformação da ideologia é socialmente necessária em função mesmo da natureza do todo social (muito precisamente), em função de *sua determinação por sua estrutura*, ao que torna, como todo social, opaca para os indivíduos que ocupam nela um lugar determinado por esta estrutura: a opacidade da estrutura social torna necessariamente *mítica* a representação do mundo indispensável à coesão social. Nas sociedades de classes, esta primeira função da ideologia subsiste, mas está dominada pela nova função social imposta *pela existência da divisão em classes*, que a estende amplamente a função precedente.

Se quisermos ser exaustivos, se quisermos considerar estes dois princípios de deformação necessários, devemos dizer que a ideologia é, numa sociedade de classes, necessariamente deformante e mistificadora, porque é produzida às vezes como deformante pela opacidade da determinação pela *estrutura* e pela existência da divisão de classes. É justamente até aqui que temos de retroceder para compreender porque, representação do mundo e da sociedade, a ideologia é necessariamente uma representação *deformante e mistificadora* da realidade em que os homens devem viver, uma representação destinada a fazê-los aceitar em sua consciência e em seu comportamento *imediatos*, o lugar e o papel que lhes impõe a estrutura desta sociedade. Se compreende com isto que a representação que a ideologia oferece da realidade seja uma certa "representação" que a ideologia faz, de certa maneira, *alusão* ao real; mas porque ao mesmo tempo ela ofereça do real não mais do que uma *ilusão*. Se compreende que a ideologia ofereça aos homens certo "conhecimento" de seu mundo – ou melhor, ao permitir-lhes um certo "reconhecimento" em seu mundo, lhes proporcione um certo "reconhecimento" – mas ao mesmo tempo não os introduza senão ao seu desconhecimento. *Alusão - ilusão* ou *reconhecimento - desconhecimento*; tal é pois, do ponto de vista de sua relação com o real, a ideologia.

Compreende-se então que toda ciência tenha que romper, quando nasce, com a representação mistificada-mistificadora da ideologia; que a ideologia, em sua função *alusiva-ilusória*, possa sobreviver à ciência, dado que seu objetivo não é o conhecimento, mas um desconhecimento social e objetivo do real. Compreende-se também porque a ciência não pode, em sua função social, substituir a ideologia como acreditavam os filósofos da Ilustração [do Iluminismo], que só viam na ideologia a ilusão (ou erro) sem ver a alusão ao real, sem ver a função social desta união – à

primeira vista desconcertante, mas essencial – entre a *ilusão* e a *alusão*, do reconhecimento e do desconhecimento.

5. Há ainda outra observação a acrescentar, que se refere às sociedades de classes. Se a ideologia expressa em seu conjunto uma representação do real destinada a consagrar uma exploração e uma dominação de classe, ela pode também dá lugar, em certas circunstâncias, a expressão de *protesto das classes exploradas* contra sua própria exploração. Por isso, devemos agora precisar que a ideologia não está dividida unicamente em regiões, *mas também em tendências*, no interior de sua própria existência social. Marx mostrou que "*as idéias dominantes são as idéias da classe dominante*". Esta simples frase nos põe no caminho para compreendermos que, assim como em uma sociedade de classes (ou várias classes) dominante e classes dominadas, existe também uma ideologia dominante e ideologias dominadas. No interior da ideologia em geral, observa-se portanto a existência de *tendências ideológicas diferentes*, que expressam as "representações" das diferentes classes sociais. É neste sentido que falamos de ideologia burguesa, de ideologia pequeno-burguesa, de ideologia proletária. Mas não devemos perder de vista que, no caso do modo de produção capitalista, estas ideologias pequeno-burguesa e proletária são ideologias *subordinadas*, e são sempre elas, mesmo no protesto dos explorados, as idéias da classe dominante (ou ideologia burguesa) que predominam. Esta verdade científica é de primeiríssima importância para compreendermos a história do movimento operário e a prática dos comunistas.

Que queremos dizer ao afirmar, com Marx, que a ideologia burguesa domina as outras ideologias e em particular a ideologia operária? Queremos dizer que o protesto operário contra a exploração se expressa no *interior mesmo da estrutura*, e, por conseguinte, do sistema em grande parte da *ideologia dominante burguesa*: por exemplo, a ideologia do protesto operário se expressa "naturalmente" na forma da moral ou do direito burguês. Toda a história do socialismo utópico, toda a história do reformismo trade-unionista pode atestá-lo. A pressão da ideologia burguesa é tal, e é ela em tal medida a única que proporciona a matéria prima ideológica, os quadros de pensamento, os sistemas de referência *que a classe operária em si não pode, por seus próprios recursos, libertar-se radicalmente da ideologia burguesa*: pode, em todo caso, expressar [manifestar] seu protesto e suas esperanças utilizando certos elementos da

ideologia burguesa, mas permanece prisioneira desta, presa em sua estrutura dominante. Para que a ideologia operária "espontânea" chegue a se transformar até o ponto de libertar-se da ideologia burguesa, é necessário que *receba de fora o socorro da ciência*, e se transforme sob a influência de um novo elemento, radicalmente distinto da ideologia: a ciência precisamente. A tese leninista fundamental da "importação" no movimento operário da ciência marxista não é, pois, uma tese arbitrária ou a descrição de um "acidente" histórico: está fundada na necessidade, na natureza mesmo da ideologia e nos limites absolutos do desenvolvimento da ideologia "espontânea" da classe operária.

Tais são, muito esquematicamente resumidas, as características próprias da ideologia.